



O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA PÚBLICA

Autor(a): Jéssica Roberta Araújo Ferreira

Co- Autor(a): Tássia Emanuela Santos Lima

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

jessicarobertta.f@gmail.com

tassialima74@gmail.com

Resumo: Diante do conhecimento explicitado em sala de aula com auxílio dos embasamentos teóricos, no decorrer da vida acadêmica observamos que é possível ensinar uma literatura de forma lúdica, de maneira a manter atenção dos discentes para os conteúdos. A literatura não deve ser vista apenas como forma de decodificação, mas como análise literária através de um processo de comunicação. Assim, temos por objetivo descrever as aulas de literatura e analisar a prática/posicionamento docente, e de como será sua funcionalidade na sociedade. O presente artigo justifica-se ainda pela necessidade de apoiar o estudo a nossa prática docente, em forma de ação/reflexão a partir das aulas observadas e analisadas com olhar voltado para as teorias. Nossa análise se respaldará nas observações das aulas de literatura no ensino fundamental II em uma escola localizada no bairro do Catolé em Campina Grande. Nosso estudo tem como aporte teórico: Cosson (2006), Antunes (2003), Candido (2004), Bezerra (2001) e OCEM(2008). A partir destes será possível comprovar a importância do ensino da literatura.

Palavras Chaves: Literatura, Discente, escola.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto da vivência de estágio I em turmas do ensino fundamental II, em uma escola, localizada na cidade de Campina Grande. Daremos ênfase para a importância de manter a teoria integrada com a prática, que a teoria possa ser vista de maneira mais aplicada que por vezes confrontam-se. Não podemos nos omitir da descrença na teoria apontada por alguns professores como sendo desvinculada da realidade presenciada no dia-a-dia da sala de aula, contudo é notório que objetivos e ações são orientados por um conjunto de princípios teóricos que uma vez defendidos e assimilados são postos em prática, conscientemente ou não. É através da experiência, que se pode refletir sobre o panorama real do sistema educacional que estamos e nos fazemos inseridos.

É no processo de formação docente que o futuro profissional constrói a base na qual irá alicerçar a sua carreira. É nesse período de formação que o professor descobre a perspectiva de ensino/aprendizagem a qual se vinculará, tendo em vista os objetivos e metas que almeja alcançar em sala de aula. Nos cursos de licenciatura em geral, e de licenciatura em língua portuguesa em específico, muito se discute sobre as teorias, metodologias e processos



didático pedagógicos de ensino/aprendizagem. Entre tantas teorias e reflexões, a disciplina de Estágio Supervisionado I proporciona o início de outros tipos de relações, dentre eles, destaca-se: Teoria e prática, um elo conciliativo com caráter reflexivo analítico.

Dessa maneira, nosso trabalho tem por objetivo: descrever as aulas observadas de literatura no ensino fundamental II, analisar a prática/posicionamento docente a qual acompanhamos. A produção do presente artigo se justifica, ainda, pela necessidade de, registrando nossas observações, práticas e reflexões, auxiliar na formação de nossa didática docente, tendo em vista que a partir dos pontos negativos observados, iremos futuramente, buscar métodos de aperfeiçoamento e melhores estratégias de ensino, bem como nos apoiaremos nos pontos positivos observados como um referente inicial da construção de nossa prática.

Para tanto, este relatório será dividido em dois tópicos de essencial importância: o tópico 2 “*A literatura no ensino fundamental II*”, que traz a fundamentação teórica, e o tópico 3 “*Refletindo sobre o ensino de literatura*” no qual fazemos uma série de relatos sobre a nossa experiência na observação do Estágio Supervisionado I.

2 A LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Em relação ao ensino de literatura, sabemos que a escola deve ter como objetivo para as séries iniciais no caso o fundamental II “formar para o gosto literário, conhecer a tradição literária local e oferecer instrumentos para uma penetração mais aguda nas obras” (PCN, 2008, p.69). Este objetivo de ensino tem como finalidade proporcionar ao aluno a garantia da sua formação de leitor crítico, fazendo com que eles não vejam os textos de literatura somente como pretexto, mas sim, como reflexão. Porém, a realidade não se dá bem assim, podemos constatar a partir dos documentos oficiais dos PCN’s.

A prática escolar em relação à leitura literária tem sido a de desconsiderar a leitura propriamente dita e privilegiar atividades de *metaleitura*, ou seja, a de estudo do texto (ainda que sua leitura não tenha ocorrido), aspectos da história literária, características de estilo, etc., deixando em segundo plano a leitura do texto literário, substituindo-o por simulacros [...] ou simplesmente ignorando-o (PCN, 2008, p. 70).

Por conta dessa metodologia o aluno acaba não sabendo como apreciar a obra literária, por ver que sua leitura não passará de um exercício pensativo e que não o deixa refletir sobre o que realmente o texto literário está trazendo, a aprendizagem acaba por vezes, sendo e ficando limitada aos conhecimentos internos do texto, impedindo assim, uma reflexão



mais ampla a respeito do conhecimento que pode ser extraído do texto literário, que tenha como objetivo integralizar o conteúdo literário com o conhecimento de mundo dos discentes, como forma de tornar a aula mais interativa. E depois, se o aluno não tiver contato da forma adequada com esses gêneros literários, ele não vai estar habituado a apreciar os traços estilísticos das obras, em um futuro momento, verá o texto apenas como “um mero texto” para interpretação de determinadas atividades aplicadas em sala de aula através do livro didático (doravante LD).

O ensino fundamental II deve está focado para prática de leitura literária, contribuindo assim para a formação continuada dos discentes, no entanto, não havendo êxito os discentes só irão se frustrar ao chegarem ao ensino médio, assim como, outros momentos posteriores, nos referimos às leituras externas, em que o aluno passa a observar/analisar a leitura de mundo de forma diferenciada, quando consegue absorver as informações extra do texto.

Segundo Todorov “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos” (2009, p. 27). Com isso cabe ao professor desenvolver atividades que force a ação reflexiva do aluno, não somente mostre como são feitas as críticas, mas levá-los a analisar e pensar sobre o que eles estão lendo, fazendo com que a aprendizagem seja efetiva e não fique somente nas partes estruturais dos textos, como forma de proporcionar a interação entre os alunos no processo de interpretação dos textos.

A formação do sujeito leitor crítico deve levar em conta alguns aspectos, tais como: a criação de um vínculo profundo do aluno com a leitura, a necessidade de fazer da leitura literária um ato de prazer, lazer, algo quase como uma verdadeira paixão, o estudo dos meios de acesso à compreensão da obra, que jamais poderão substituir o sentido da mesma. (TODOROV, 2009). Visto que, evitará uma possível frustração nos conhecimentos obtidos nos anos iniciais cujo objetivo central volta-se para leitura literária.

É necessário atentar os estudos literários como modo de inseri-la no cotidiano do aluno, ou tentar aproxima-lo da realidade com o contexto escolar, com o objetivo de integralizar a realidade da turma com a prática educacional. É preciso contextualizá-la, de modo que interaja com o aluno, sem que seja tratada separadamente, como se não fizesse parte no ensino da nossa língua. Assim, é preciso cuidado na hora de elaborar estratégias didáticas para não tornar as aulas enfadonhas, proporcionando, um melhor rendimento por parte dos alunos, como argumenta Andrade (2014):



Preparar aulas é um exercício de profissionalismo e compromisso, com aqueles que desejam aprender. Representa encontrar diversas maneiras de transmitir conhecimentos, facilitando o processo de aprendizagem. Não deve ser encarada como uma atividade árdua, mais como uma oportunidade de aperfeiçoamento, atualização e descobertas. (ANDRADE, 2014, p.24).

Nós, como futuras professoras de literatura, devemos ter como obrigação mostrar aos nossos alunos todas as ferramentas possíveis para que, mesmo fora da escola, ele tenha uma base para analisar obras diferentes do que ele já viu na escola, para que futuramente ele possa, sem o nosso auxílio, vir a ter um olhar crítico para o que ele está lendo. Devemos mostrar que a leitura de obras literárias pode sim ser feita de forma prazerosa e como forma de lazer.

De acordo com (CANDIDO, 2004, p. 175): “Ela [a literatura] é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”. Isto significa que as obras literárias nos permitem trocar de lugar com os personagens, fugir dos tormentos cotidianos, imaginar cenários, identificar-se com um conflito, ou seja, há um processo de humanização.

A literatura assim como o ensino de língua portuguesa se configura como uma das maiores problemáticas dentro e fora da sala de aula. Tendo observado as aulas de literatura como requisito da disciplina de Estágio I, podemos compreender que o ensino da literatura atualmente se configura em uma atividade enfadonha, sem funcionalidade e se distancia da proposta das Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006, p. 54):

[...] não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, etc., como até hoje tem ocorrido (...) trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito.

Sabemos que nos livros didáticos o texto literário é trabalhado de forma equivocada, passa a ser usado como único meio para o ensino básico, mas, o professor tem a opção de trabalhá-lo de forma diferente, visto que a sequência didática é proposta para auxiliar na execução das atividades, com o comprometimento de focar o docente com o que será trabalhado em um dado período.

As sequências didáticas são um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo. Organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar para a aprendizagem de seus alunos, elas envolvem atividades de aprendizagem e de avaliação. O professor no geral, no momento de planejar a sequência didática (doravante SD),



tem a opção de inverter o tradicional, em que o livro didático passará apenas como suporte e o texto será o principal, a ser explorado e trabalhado de forma crítica e reflexiva.

Assim, compreende-se a importância da familiarização prévia com as obras a ser trabalhado, esse contato é possível através da SD, como também o conhecimento sócio-histórico da época de sua criação, os aspectos de escrita típicos de seu autor, seu gênero etc. Esses aspectos envolverão o aluno no contexto da criação da obra que facilitará a compreensão e a interpretação dos discursos nela presente. Por isso o papel do professor como mediador é de extrema importância, pois, será ele quem mediará o encontro do aluno com a obra e com a possível reflexão/compreensão.

No entanto, ainda falando da classe docente, mesmo que o professor esteja em formação continuada através das pós-graduações, esses profissionais se deparam com dificuldades que estão relacionadas ao sistema educacional brasileiro como: falta de incentivo financeiro, condições de trabalho favoráveis, materiais didáticos, bibliotecas atualizadas entre outros. Assim, cabe aos professores buscarem na medida do possível quebrar alguns paradigmas e romper com as aulas tradicionais, que são produzidas apenas como forma de decorar datas históricas. De acordo com Rangel (2007, p.132), podemos afirmar que a formação do leitor literário visa a um resultado de formar um leitor para quem o texto é objeto de desejo e que o livro didático tem significado, com muita frequência, um veto à fruição na leitura e à formação do gosto literário, justamente por não apresentar um tratamento didático apropriado ao texto literário juntamente com o planejamento do conteúdo.

3 REFLETINDO SOBRE O ENSINO DE LITERATURA

Tivemos como campo de observação uma escola pública situada em Campina Grande, vivenciamos a realidade docente nas turmas do 6º e 8º ano do ensino fundamental II, totalizando 28 aulas, no período que compreende como data de início 29 de Março de 2017 até 17 de Maio do mesmo ano.

Observamos por quais formas as aulas de literatura eram direcionadas no ensino regular e se possuíam eficácia de acordo com os embasamentos teóricos oferecido nas exposições feitas na nossa unidade de ensino; Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Na primeira aula acompanhada, a professora titular revisou o gênero literário: Crônica. Quanto a sua estrutura e construção, em seguida aplicou uma atividade avaliativa, que solicitava uma produção escrita, e sua proposta situava-se no livro didático dos alunos. A



proposta de atividade com crônica, do livro didático, se deu da seguinte forma: A princípio fora-lhe dado como elemento motivador da aula, as iniciais da crônica “Brincadeira” por autoria de Luiz Fernando Veríssimo. A professora titular instruiu os alunos para continuar a escrita da crônica como atividade para casa, sem eles terem acesso ao desfecho dado pelo autor da crônica.

Apesar de não podermos ter tido um acompanhamento às aulas anteriores, conseguimos perceber que a atividade avaliativa escolhida pela professora, presente no LD, segue as orientações dadas por Cosson (2006, p. 104) no tópico que oferece propostas avaliativas. Porém, infelizmente, a professora não utiliza essa atividade para propiciar a interação entre os alunos através dos novos fins dado à crônica, seria cabível, uma leitura compartilhada das crônicas dos colegas, assim as ideias seriam dinamizadas e discutidas coletivamente. No entanto, tal atividade servirá apenas para contabilizar uma nota para finalizar o bimestre.

De acordo com as ideias de (COSSON, 2006, p. 17), o ensino de literatura deve propiciar mais que a leitura e escrita de textos, para o autor a função do texto literário vai além, ou seja, “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” A literatura precisa ser propiciada através dos docentes como forma de apropriação crítica de acordo com o gênero e tema escolhido, temas esses que são selecionados para trabalhar com determinadas turmas.

Essa escolha deve estar associada à realidade vivida pelos alunos que frequentam a escola. Pois, a partir de escolhas metodológicas pontuais e adequadas conseguem-se resultados positivos no ensino/aprendizagem do aluno e no desenvolvimento da alteridade crítica social, sendo o aluno capaz de desenvolver o desempenho presente neles mesmo.

A escolha do gênero, por sua vez, feita pela professora, facilitou o sistema avaliativo, pois, a crônica em sua estrutura textual traz discursões do cotidiano do aluno e comicidade, integrando a realidade dos discentes para o contexto literário. Porquanto, a atividade feita a partir da crônica está atrelada como forma de aproximar a realidade dos alunos com o contexto literário, pelo fato deles estarem livres para continuar a histórica da crônica. Nesse caso, de acordo com Cosson (2006, p. 21), “[...]os textos literários ou os considerados como tais estão cada vez mais restritos às atividades de leitura extraclasse ou a atividades especiais de leitura.”

Na aula seguinte a professora solicitou que os alunos pesquisassem e levassem para aula o verdadeiro desfecho da crônica “Brincadeira”, já que não se apresentava completamente no LD, que em outrora fora objeto de atividade avaliativa, para que em conjunto todos



discutissem o fim dado por seu autor. Como fora solicitado, a maioria dos alunos, levaram a crônica completa. Esta aula se deu através de leitura coletiva a partir do gênero e tema que estava sendo trabalhado. Os alunos puderam compartilhar da opinião da professora sobre o texto, no entanto, no entanto, nenhum momento fora aberto à discussão para eles falarem a respeito do desfecho dado texto escrito de forma individual.

A professora observada possui boa didática, porém, apresenta traços do método tradicional é o caso de algumas lacunas encontradas por nós estagiárias, fica evidente o rompimento de eficácia na utilização do gênero, pois, não deu oportunidade aos alunos de ampliar sua criticidade a respeito do tema posto na crônica, utilizando o texto apenas como sistema avaliativo de nota, para fechar a segunda unidade. Compreendemos também, a real necessidade de cumprir datas para fechamento de notas, visto que, o ano educacional foi atípico, passou por alguns empecilhos, e nós que fazemos parte desta área sabemos que não é fácil reorganizar os planejamentos didáticos, porém estamos cientes que é necessário, e que por vezes, é preciso reduzir algumas discussões para obter a compreensão dos discentes juntamente com a obtenção do processo avaliativo.

Observamos também, que não ocorreu o compartilhamento dos finais dados pelos alunos para aquela história, que poderia propiciar o compartilhamento de pontos de vista e ideais diversos entre a turma, gerando reflexão entre eles. Tanto como uma exposição/discussão oral entre as turmas do 8º ano, já que o conteúdo ministrado entre as turmas eram os mesmos, como exposição visual dos fins dado pelos alunos, podendo ser exposto nos quadros informativos da sala de aula, ficando assim, livre para a leitura e conhecimento do desfecho dado pelo colega.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é necessária a busca para tornar as aulas de literatura um momento de encontro de emoções, desejos, imaginações, deleite. De modo que o estudo, a partir dos textos literários, aconteça de maneira prazerosa para compreendermos seu contexto, traços gerais do movimento literário a que pertence e contextualizá-los historicamente. A ativação dessa prática tornará as aulas mais interessantes, fazendo com que os próprios estudantes queiram e gostem de estudar literatura.

A experiência obtida com o estágio é de grande valor para o aluno de licenciatura, que, na maioria das vezes, nunca teve contato com a prática, e somente no estágio terá a chance de pôr em prática tudo àquilo que lhe é ensinado no decorrer do curso. A experiência



do Estágio I foi extremamente válida e gratificante, nos fez refletir, o quão é importante planejar de forma que propicie um desenvolvimento homogêneo em toda turma, lembrando que da importância de inserir a realidade do aluno ao contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Fabiana. *A pedagogia do afeto na sala de aula*. Recife: Prazer de Ler, 2014.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: Encontro & Interação*. São Paulo: Parábola, 2003, p. 17-40.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Seleção variada e Atual*. (Ogrs.) Angela P. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna 2001, p.33-50.

Brasil. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Volume 1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

CANDIDO, Antônio. **O direito a literatura**. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: Teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

Conhecimentos de Língua Portuguesa; Conhecimentos de Literatura. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios para o professor? In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p.65-90.

RANGEL, Egon de Oliveira. Letramento Literário e Livro Didático de Língua Portuguesa: Os amores difíceis. In: Paiva, Aparecida, et all (org). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. 1. ed., 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.